Acervo ISA

A PROVINCIA DO PARA — 07/09/80

Adolescentes com idade variável entre 12 e 16 anos eram maioria no grupo de Gorotires que atacou a Fazenda "Espadilha", onde foram mortas 20 pessoas, inclusive mulheres e crianças. Cerca de 105 índios participaram do massacre, pelo qual está sendo responsabilizado o antropólogo Alceu Cotia, que teria instigado os guerreiros.

OS MOTIVOS DOS ÍNDIOS

O massacre praticado pelos Gorotires, à Fazenda "Espadilha", que vitimou 20 brancos, inclusive, mulheres e crianças, seria de responsabilidade do antropólogo Alceu Cotia, que teria instigado os aborígenes, segundo a FUNAI. Por sua vez, o major Marco Antônio Luchini, o major "Curió", afirma que o massacre foi resultante de um boato espalhado, antes do antropólogo chegar à aldeia Gorotire, sobre a presença de 1.800 homens do Grupo Executivo de Terras Araguaia-Tocantins com ordens expressas de desmatar uma gleba dentro da reserva.

Mas, para o delegado regional da Fundação Nacional do Índio, Paulo César Abreu, que ontem desembarcou em Val-de-Cans, procedente da aldeia Gorotire, o massacre tem suas origens nos "40 por cento da área geral da fazenda que invadem a reserva". Algo que seria contornado, segundo Paulo Abreu, com a ampliação da reserva, incluindo a área das castanheiras, onde eclodiram as primeiras divergências entre índios e brancos.

Procurando manter-se calmo, Paulo César Abreu não deixou de dar sua impressão sobre o massacre. "Foi lastimável. Nunca vi algo assim. É simplesmente um quadro revoltante". Ao mesmo tempo em que fazia estas declarações, o delegado da FUNAI solicitava a seus auxiliares os presentes que recebera dos indígenas, inclusive algumas flechas. Apesar dos presentes, Paulo Abreu não omitiu acusações aos índios.

"A ampliação da reserva ainda não foi homologada, e não se pode negar, portanto, que o massacre foi invasão indígena", disse. "Vários estudos foram feitos para a ampliação, mas ainda estava em fase de homologação". Informou ainda que, na região, a situação está sob controle de vários agentes da Polícia Federal, além do major Luchini, "não existe ameaça de um novo massacre", acrescentou, embora ainda ontem tenha corrido um boato em Conceição do Araguia, dando conta de que seis índios foram vistos a 10 quilômetros da cidade.

Um inquérito está sendo feito, mas Paulo Abreu adiantou que "perante a lei, os índios são intocáveis". Revelou também que "a maioria dos índios que realizaram o massacre estão na faixa etária de 12 a 16 anos". Na chacina, participaram ao todo 105 guerreiros, sendo que 70 de maneira mais ativa.

VERSÕES

Um dos três caciques que dividem a liderança entre os 550 Caiapós (anteontem nasceram duas crianças) — os outros são Kanhonk e Todoi — que participou do massacre, confirmou tudo o que os representantes da FUNAI e do Conselho Nacional de Segurança, firmaram em seus relatórios: os índios não foram até a Fazenda "Espadilha" com a intenção de matar, mas o fizeram porque foram agredidos primeiros pelo capataz Jones.

De acordo com a versão de um agente federal que chegou juntamente com Paulo Abreu, "apenas 9 índios foram até a fazenda pedir mantimentos". O agente não sabe dizer se foram apenas com esta finalidade ou se houve alguma advertência ao capataz Jones que, além de negar-lhes mantimentos, teria falado autoritariamente: "Índio comigo é na bala", ao mesmo tempo em que engatilhou sua espingarda, calibre 20.

No entanto, Jones descuidou-se ligeiramente, do que se aproveitou o índio Mekuiaka para tomar-lhe a arma e neutralizá-lo. Principalmente os mais novos tinha firmes intenções de rapar a cabeça do capataz, chegando a ensaiar um ritual. Até que o índio Mekuiaka foi esfaqueado, pelas costas, por uma cozinheira e o índio Ireo recebeu umas pauladas com um cabo de machado de um peão que se encontrava ao lado do capataz.

Ante a investida dos brancos, os índios começaram a gritar, pois "índio não pode ver sangue", segundo o agente federal. Aí então os índios, que se encontravam pela floresta, invadiram a sede distribuindo bordunadas nos brancos que se achavam pela frente. Daí em diante, "não houve mais limites para atrocidades", comentou Paulo Abreu, enquanto abraçava a esposa e os dois filhos que o esperavam no aeroporto.

SEM ESTUPROS

"Na aldeia há uma garota branca", relatou Paulo Abreu. O que contradiz com a matança das crianças que se encontravam na sede. Antes de qualquer estudo antropológico, o sacrifício de crianças é atribuído à euforia dos guerreiros mais jovens.

É também atribuído a esta euforia a possibilidade de estupro nas duas mulheres mortas. O major "Curió" do Conselho Nacional de Segurança afirma que não houve absolutamente estupro nas mulheres, o que somente será comprovado, através do exame dos legistas, enviado ontem à Brasília.

O agente da Polícia Federal não quis se pronunciar sobre o assunto. "É difícil determinar se houve ou não estupro. Há, nas vítimas, algumas marcas que poderiam ser originárias de violência sexual, mas isto apenas os especialistas podem determinar".

Detalhe à parte, o agente comentou que quando o destacamento policial chegou na aldeia Gorotire os "índios estavam todos pintados de vermelho e branco, nos deram boas-vindas e ofereceram presentes". Com alguns presentes, desembarcou também no aeroporto, o coronel Cleber, assessor do Presidente da República, que seguiu ontem mesmo para Brasília, sem prestar declarações à imprensa.

Por fim, Paulo Abreu informou que amanhã seguirá a Brasília um relatório sobre o massacre, o qual "ninguém pode saber primeiro que o Presidente". Por todo o dia de hoje, Paulo Abreu pretende tomar conhecimento dos problemas registrados, com os Também que incendiaram uma ponte e um alojamento da PM, em Ourém.

Os índios que participaram do massacre, ontem, ainda estavam pintados e reunidos na casa do guerreiro

Paulo Abreu chega a Belém: "foi uma invasão"

O cel. Cleber, com presentes, passa para Brasília

Gorotires incendiaram fazenda

A fazenda Boa Vista, localizada a 10 quilômetros da fazenda "Espadilha", também foi atacada pelos índios Gorotires, após o massacre das 20 pessoas, na segunda-feira passada. Os índios, após o massacre na "Espadilha", se dirigiram para a fazenda Boa Vista e ali queimaram a casa onde moravam os trabalhadores.

A fazenda Boa Vista é de propriedade do fazendeiro conhecido por "Chico Bigode", descrito na região como "homem simples e pequeno criador de gado". A fazenda tem 300 alqueires de terra, plantações e 45 cabeças de gado.

A investida sobre a fazenda Boa Vista só foi descoberta quando os índios chegaram na missão Gorotire. Conversaram com o delegado da FUNAI, Paulo César Abreu, major "Curió" e com os agentes da Polícia Federal, contando como procederam.

Além de queimarem a casa da fazenda, os índios mataram patos, galinhas e outras aves, que eram de propriedade dos peões. Os índios não encontraram ninguém na fazenda, o que impediu novo massacre. Segundo as informações, a fazenda Boa Vista está situada dentro da reserva florestal dos Gorotires, o que motivou o ataque.

Inquérito para apurar um boato

No inquérito instaurado pela FUNAI para apurar de onde partiu o boato da existência 1.800 homens do GETAT em área indígena, deverão ser ouvidos, inicialmente, o sr. Francisco Ferreira, conhecido por "Chico Bigode" e o advogado Juarez Tavares Macedo, dono da fazenda "Macedônia" vizinha à "Espadilha", segundo informou ontem o major "Curió".

Sobre "Chico Bigode" recaem as suspeitas pelo boato, porque ele está estabelecido em área indígena e foi o primeiro a encontrar os corpos na fazenda "Espadilha". Mas, trata-se de um homem simples, humilde, pequeno posseiro e possuidor de apenas 300 alqueires e 45 reses.

Por outro lado, Juarez Tavares Macedo procura uma difinição exata da reserva Gorotire para que conduza com segurança os projetos agropecuários e o garimpo que mantém nos 7.500 hectares que possui na região, além das 30 glebas de 3 mil alqueires cada, que pleiteia junto ao GETAT.

Segundo o major "Curió", que é membro do Conselho de Segurança Nacional, o objetivo do boato foi o de atemorizar os índios com ameaças, apoiadas na demonstração de força que mostraram no garimpo de Kamaru.

Tanto "Chico Bigode" como o fazendeiro Juarez Tavares Macedo acompanharam, na quinta-feira passada, o reconhecimento dos 20 corpos. Depois que os últimos corpos foram encontrados, o grupo liderado pelo major "Curió" prosseguiu até os limites da fazenda com a reserva Gorotire para que o antropólogo Alceu Cotia, com os braços abertos em direção do sudeste, indicasse o início do território Caiapó. Juarez irritou-se com a confirmação dos limites, protestou e, sob os gritos de representantes da FUNAI, foi retirado da área por agentes da Polícia Federal.

LIMITES

Nos sete meses que passou como Presidente da República, em 1961, o sr. Jânio Quadros, entre os decretos que assinou, criou o Parque Indígena do Xingu e a Reserva Florestal do Gorotire, esta com 3 milhões e 300 mil hectares. Mas, o decreto não chegou a ser delimitado e, após frustradas iniciativas da FUNAI — o órgão foi ludibriado por uma empresa de topografia paulista, a PRATAT, em mais de 1 milhão de cruzeiros —, os Caiapós ainda não têm assegurado o território da reserva, uma vez que o decreto de 1961 não foi cumprido.

As terras da região do Baixo Araguaia são ricas em madeira de lei, castanha e ouro além de proporcionarem excelentes pastos. A situação fundiária na região é bastante complexa e há "superposição de poderes entre organismos federais e o Grupo Executivo de Terras Araguaia-Tocantins, criado para solucioná-los, "ainda engatinha", como disse o major Marco Antônio Luchini.

Cadáveres tinham perfurações de balas

Os quatro últimos encontrados na Fazenda Espadilha, estavam bem próximos dos limites da reserva indígena dos Gorotires. Os corpos apresentavam perfurações de bala e, na aldeia, segundo as informações, o pessoal da FUNAI admitiu que eles não foram atacados pelos índios Os corpos são de peões da fazenda "Espadilha", que de início estavam sendo dados como desaparecidos. Os cadáveres foram encontrados na quinta-feira passada e nesse mesmo dia levados para onde se encontravam os corpos das demais vítimas a fim de serem submetidos a exames necroscópicos pelos legistas que vieram de Brasília.

O pessoal da FUNAI alertou que ao lado dos cadáveres dos peões não foram encontrados apetrechos indígenas, como bordunas, flechas ou penas, daí a suposição de que eles não tenham sido vítimas dos Gorotires. O fato também dos corpos apresentarem perfurações de bala, leva a crer que eles tenham sido assassinados por outras pessoas, não por índios.

Joel fez sérias acusações

Rebelião de presos no São José

O presidiário Joel Brito de Alencar, de 19 anos, residente à rua dos Timbiras, 2287, denunciou ontem a fuga de três detentos do Presídio São José, fato que está sendo guardado com muito sigilo pelo diretor daquele estabelecimento penal, coronel José Bahia Filho. Também disse que alguns detentos foram espancados e quase mortos por quatro elementos que fazem parte da polícia interna do Presídio, que pretendiam descobrir o mentor da fuga e se havia outros presidiários também dispostos a fugir.

Joel foi autuado em flagrante na Delegacia do Jurunas por ter aplicado três estocadas no marginal Edivaldo Oliveira, o "Dá na Irmã". O fato ocorreu na noite de sexta-feira, por volta das 21:00 horas, quando alguns detentos foram retirados do cinzeiro e ocorreu um desentendimento entre eles.

O acusado está há 2 anos no Presídio São José, por assalto a mão armada. A vítima também é bandido muito perigoso. Ontem, após ser fichado criminalmente, ele foi mandado de volta ao Presídio São José.

FUGA, ESPANCAMENTO E CONFUSÃO

Na manhã de sexta-feira, três elementos fugiram do Presídio São José, penetrando no forro da carpintaria e depois ganhando a rua, sem serem vistos pelos soldados da Polícia Militar encarregados da segurança do casarão da Praça Amazonas.

A fuga foi descoberta e os elementos "Zezão", "Pica-Pau", autor do assassinato de um casal de fazendeiros na Fazenda "Pica-Pau-Amarelo", em Paragominas, "Marabá" e "Ceguinho", componentes da Polícia Interna do Presídio e homens de inteira confiança do diretor José Bahia Filho, passaram a espancar, com cassetetes de acapú, alguns presidiários. Os guardas da Polícia Interna estavam a fim de descobrir quem tinha sido o mentor do plano de fuga, e quem participava dele, pois souberam que havia outros elementos que não tiveram tempo de fugir.

Joel foi um dos que foram babaramente espancados, principalmente por "Pica-Pau", que é considerado o mais violento de todos. Joel apresenta marcas de espancamento pelas costas, segundo mostrou, e disse que não sabia nem que alguns companheiros haviam fugido.

O espancamento ocorreu no pavilhão central do Presídio, onde alguns detentos do alojamento nº 3 foram reunidos e submetidos à "sabatina". Quando estavam no pavilhão, alguns presidiários revoltados com o massacre, danificaram o vidro de uma janela. Isso foi o suficiente para que alguns deles fossem recolhidos no cinzeiro, como castigo.

Vários reclusos, entre eles Joel Pinho, Lica, João Pariché e Edivaldo, ficaram o dia inteiro no cinzeiro e somente por volta das 21:00 horas é que foram mandados de volta para os seus alojamentos. À saída do cinzeiro, Joel foi agredido pelos outros reclusos que o culpavam pelos acontecimentos.

Joel para se livrar do espancamento, já em seu alojamento, apanhou um estoque feito de um pedaço de vergalhão e enfiou três vezes em Edivaldo. Houve a intervenção dos elementos da polícia interna e Joel foi levado para a Delegacia do Jurunas para ser autuado em flagrante. A vítima foi encaminhada ao Pronto Socorro Municipal, para ser medicada.

Motorista matou dois seresteiros

Dois rapazes e um menor morreram, ontem, vítimas de atropelamento. Um dos rapazes ainda não foi identificado e seu corpo até ontem no início continuava na geladeira do Instituto de Polícia Científica Renato Chaves, uma vez que não havia sido procurado por seus familiares. Ele foi atropelado e morto, com um amigo, na Rodovia BR-316, em frente do Xodó.

Carlos Alberto França Dias, de 21 anos, residente à Passagem Nossa Senhora da Conceição, 2, no bairro da Sacramenta e um amigo seu, de identidade ignorada, saíram da boate Xodó, na BR-316 e estavam na pista fazendo sinais e pedindo carona, mas não eram atendidos. Os dois estavam alcoolizados e ao pedirem carona em um dos carros que passavam, o motorista colocou o seu carro em cima deles, atingindo-os violentamente. Os dois rapazes tiveram morte instantânea. O acidente ocorreu por volta das 4:00 horas da madrugada de ontem e a placa do carro não foi anotada, uma vez que o motorista imprimiu alta velocidade, fugindo em direção do município de Ananindeua.

A senhora Maria Amélia França Dias, de 50 anos de idade, mãe de Carlos Alberto, disse que seu filho saiu de casa às 21:00 horas de sexta-feira dizendo que ia participar de uma seresta na boate Xodó, em companhia de um amigo. Às 5:00 horas ela recebeu a notícia da morte de seu filho e esteve no Instituto "Renato Chaves" para identificação do corpo. Maria Amélia disse que não conhece o outro rapaz que também foi atropelado e morto.